

## FAZENDA REAL NO «PRESÍDIO» (1) DA ILHA DE SANTA CATARINA

Walter F. Piazza

Por Carta Régia de 08 de novembro de 1696 o Rei de Portugal escrevia ao Governador do Rio de Janeiro, Artur de Sêa e Menezes, «que se guarde infalivelmente o Regimento dos Provedores, ordenando que se reunice a Conta aos Almojarifes todos os annos, e que se lhe tomem no fim do seu trienio».

Tal carta foi enviada ao Provedor da Fazenda Real do Rio de Janeiro, a 16 de abril de 1697, «para que a seu tempo tenha seu devido cumprimento», e foi registrada nos Livros do Registro da Fazenda Real, de número catorze, a folhas 124.

E, em função destas determinações se vai ter a primeira prestação-de-contas da Administração Pública Portuguesa em terras catarinenses!

O Almojarife da Fazenda Real na Ilha de Santa Catarina, Antônio da Cruz Ferreira (2) teve ao deixar o cargo que fazer uma prestação-de-contas, envolvendo o período de 19 de janeiro de 1749 a 31 de dezembro de 1752.

Toda a receita e despesa desse período está inscrita num livro, hoje precioso, pelo que esclarece dos primeiros tempos da novel Capitania de Santa Catarina: «Rezumo ou Cabeça de toda a Receyta e Despeza que teve Antônio da Cruz Ferreyra Almojarife que foy da Fazenda Real deste Prezidio». (3)

A sua importância pode ser ressaltada pela análise das rubricas desta contabilidade oitocentista, onde sobressaem os gastos da Coroa Portuguesa na organização de um novel governo ultramarino, quer com alimentação, quer com armas e munições, ou, ainda, com objetos de culto ou, então, e, principalmente, com a instalação dos «casais» açorianos que, a partir de 1748, começam a ser instalados na orla marítima catarinense.

A primeira folha do livro em referência trata da «Receita do dinheyro extrahida do Livro 1º § único». Vê-se que as «entradas» de dinheiro naquele Almojarife da Fazenda Real o foi em trinta e seis (36) vezes e somou 106.415\$642 rs.

Confrontando-se com o «rezumo de toda a despeza a dinheyro», verifica-se que se igualam às quantias de receita e despesa, como em toda boa contabilidade, que, assim se preze...

Entretanto, dada a época em que tais despesas foram efetuadas, merece destacar como foram distribuídas no «rezumo», acoma referido.

Uma parcela refere-se à despesa com o Presidio, totalizando 62:605\$395 rs., uma segunda à despesa com os «casais» no valor de 39:841\$532 rs. e, final-

mente, uma menos expressiva com a nau de guerra «Lampadoza» em 4:000\$000 rs.

Tem-se, assim, no aludido documento contábil duas rubricas de grande valor: a da instalação do «Presídio», ou seja da organização político-administrativa da recém-criada Capitania da Ilha de Santa Catarina e a da instalação dos «casais» açorianos que, de 1748 a 1756, vão fertilizar com o seu trabalho o litoral catarinense e, também, em determinado instante, espriar-se pelo Continente de São Pedro do Rio Grande. (4)

A discriminação contábil tem início a fls. 5 do livro em referência subordinada ao título geral «Materiaes & Fardamentos. e outros generos».

Tem-se a partir de então, a discriminação dos materiais, fardamentos e «outros generos», por ordem alfabética, com a especificação da forma em que era recebido e a maneira como era empregado.

Assim, o «alcatrão» era recebido em barris e distribuído em baldes, as «armas de fogo» eram recebidas «velhas», «com bainetas» e «para cazaes».

Neste tópico tem-se uma informação bastante interessante de como era armado o pessoal da Guarnição da Ilha de Santa Catarina. Predominavam armas velhas e «com baionetas» o foram, somente, setecentas (700), e aos «casais» foram distribuídas 1.123 armas de fogo.

Já o «asso» foi recebido num total de quarenta e sete arrobas e em tal quantidade distribuído. E os «arcos de ferro» o foram em unidades e, da mesma forma, as «aduelas».

Também tem-se a chegada de «alvas» (5) «de renda» e «lizas» para o culto católico. Eram quatro de renda e dezoito lisas. E, ainda, para o mesmo culto «amitos» em número de vinte e cinco (25).

O «azarcão» foi recebido em quatro arrobas e vinte libras, mas, nem todo foi gasto. O Almoxarife anotou uma «quebra» de seis e meia libras. O «anil» que chegou no montante de três libras, apresentou uma «quebra» de meia libra. Do mesmo modo o «alvayade» (6), «de aparelho» ou «fino», também apresenta «quebra». Se era pó...

E, mais uma vez, há objeto para o culto. São «ambulas de prata dourada com capuz de seda»: foram, somente, duas. Também duas foram as «alampadas de latão» chegadas e distribuídas. E, foram, no mesmo número, as «ancoras de forma».

Novamente o culto católico é contemplado. Desta vez são «ambulas de jarandá para os santos óleos», num total de vinte e um «frasquinhos».

Tem-se, então, «azebem de olanda» num montante de 23 arrobas e 22 libras. Ou, então, «amarra velha», que, também, eram pesadas em arroba.

Seguem-se «agulhas de vela» num total de uma centena, «azeite de pexie» completando 4.330 e meia medidas.

Tem-se, ainda, «ameixas» em um barril com duas arrobas e outro com uma arroba e dezesseis libras. Ou, então, «aguardente do Reino», recebida em barris, mas distribuída em barris, medidas e frascos. De outro lado, anota-se «assucar branco» recebido em caixas, mas distribuído em arrobas e libras e que apresenta, também, «quebra». Tem-se ainda, «azeite doce», recebido em barris, mas distribuído em medidas e frascos, e parte dele foi entregue aos «casais», num total de 23 e meia medidas.

Já, em seguida, tem-se «arroz pullado» recebido em barris e distribuído em arrobas e medidas. Do total recebido coube aos «casais» quinze e meio alqueires.

Suge «alvioens» (7) ou «picaretas», num total de 4.294. Seguem-se «alguidares», divididos em «pequenos» e «mais pequenos», estes em número de 95 e aqueles eram 79.

Tem-se, ainda, «alobras», «para casais», totalizando 190.

O «breu», recebido em barricas, é contabilizado em quintais, arrobas e libras, totalizando 20 quintais, uma arroba e 25 libras, tendo, neste montante, uma «quebra» de três arrobas e vinte e cinco meia libras.

As «bettas de embé» (8) recebidas em número de 40, foram distribuídas ou aplicadas 28 e na hora do balanço faltaram 12, cujos destinos foram, à margem do documento, explicados pelo Almojarife.

«Bandoleiras» (9) recebidas e distribuídas foram trinta.

No que tange à «ballas de artilharia», «de varios calibres», recebidas, o foram em número de 17.966. Já «ballas de chumbo», recebida em cunhetes, o foram em número de 1.020 balas, em dez cunhetes.

Chegou para aquele Almojarifado uma balança de três arrobas.

Da mesma forma ali foram recebidas «botticas» (10), com «frascos de remédios» em número de cinco e mais três caixões.

Os «brins» também desembarcaram na póvoa de Nossa Senhora do Desterro, a incipiente capital, totalizando 643 varas e 3/4.

Tem-se «bispottes» (11), num total de 86, dos quais foram distribuídos a «casais» 42 e quebrou-se um, enquanto os outros o foram para diversa destinação.

Os «barris de gallés», em número de 29, foram recebidos e distribuídos.

«Bandeiras» «com armas reaes» foram recebidas e distribuídas três.

Já, ao porto do Desterro, no período abrangido por aquela contabilidade, arribou uma única bigorna.

Por outro lado as «brochas de pintar» eram 11 grandes e 16 pequenas, mas, ao Almojarife faltaram cinco pequenas na hora do balanço...

Há, também, a anotação de «bollo armenio» com o peso de oito libras, tanto na receita, como na despesa...

Há, também, o recebimento de «baptisterios» (12) em número de quatro, que são distribuídos, e, da mesma forma, «bimbarras» (13) em número de duas.

Tem-se, também, «bacias de arame», «grandes», em número de duas, e, «berlim», recebido em quatro peças e uma libra.

Para os «casais» também foi recebido «biscoutto» «preto» num montante de 250 arrobas, afora outras 331, e houve nessa quantidade uma «quebra» de 17 arrobas. Também para os «casais» houve 22 arrobas e 12 libras de «bacalhau», às quais se somaram mais 26 arrobas e 28 libras que foram, por sua vez, distribuídas, sem se especificar a destinação.

Para a farda dos soldados teve-se «botoens de metal» «amarellos», de «casaca», num total de 1.423, que foram distribuídos. Entretanto, na mesma contabilidade, aparecem «botoens de metal» «branco», totalizando 496, que somados a 361 que «faltão» — no dizer do Almojarife, «compensados huns com outros» — somam 858.

Houve, ainda, «bottas» somando 22 pares.

Anotou-se «berrumas» totalizando 3.825, das quais foram destinadas aos «casais» 256.

Quanto a «couros de cabel» houve a anotação de 58 arrobas e meia, sendo destinados aos «casais» dezessete arrobas.

Anota-se, então «cavallos»: sete são recebidos e distribuídos. Passa-se aos «cabos de linho» num total de 165 arrobas e 19 libras, das quais houve a «quebra» de 2 arrobas e 14 libras. Encontra-se, a seguir, «castiças de estanho» que são anotados «grandes», «mais pequenos» e «com arandelas» ascendendo ao número de 24. E, ainda, «colher de derreter chumbo», um única!

Tem-se, também, «cucharras» (14) recebidas em um caixão com 109 unidades. E, após, «cartuxeiras» em número de trinta.

Passa-se a «cobertores de Castella» e são recebidos e distribuídos 48. Tem-se, a seguir, «campainhas» e o seu número alcança 8.

As «caixas de folha de Flandres» que chegam são em número de seis. Os «colchons» são de «diagem», «com chumaços» e o são quarenta e oito.

Para o culto católico chegaram «capas de asperges», sendo quatro de damasco vermelho e branco e quatro de damasco verde e roxo.

Quanto a «cordoens» não se tem a medida e tem-se, somente, o quantitativo, totalizando 17!

Ainda, para o culto foram recebidos «corporaes» num total de 26, quando o deveriam ser de 28, mas, «compensada a falta dos dous corporaes, com hua guarda de mais, e onze prurificadores». E, também, chegaram «calices de prata», em número de sete, acompanhados de colheres e patenas em igual número, e, ainda uma «coroa de prata».

Por outro lado o instrumento técnico também se fez presente com a chegada de «compaços», sendo dois «direitos» e dois «de pontas de volta».

As «chapas de cobre» recebidas em caixões, que pesavam 52 arrobas e 19 libras. Já, as «caldeiras de cobre» eram duas para «cozer breu», uma «grande» e uma «com 12 libras».

A «colla» recebida e distribuída pesava 16 libras. Os «candieyros» recebidos foram três «de folha».

Tem-se, ainda, o recebimento de «cavilhas» (15) em número de seis, bem como de «chapuzes» (16) montando a 64. E, também, uma «chaves de prata com 2 espelhos».

A «cal» que se recebeu e distribui o foi em 81 moios e 15 alqueires e o «cebo» recebido em seis barris, de quantidade variável, quando distribuído montou a 90 arrobas e 18 libras, apresentando uma «quebra» de duas arrobas e onze libras.

Tem-se, em seguida, o balanço da «carne seca». Recebidas 375 arrobas, destas 200 arrobas foram destinadas aos «casais».

Ainda com destinação ao culto tem-se o recebimento de «caixilhos de jacarandá para os santos oleos», em número de três, com cruz e choroens de marfim, com cordoens de retros».

Os «chapeus» chegados e distribuídos foram 349.

A «carne fresca» não tem anotada a quantidade do recebimento, enquanto que a distribuição orçou em 204 arrobas e trinta libras.

Também aportaram ao Desterro «degraos de pedra», medindo 88 varas e três palmos.

Dos «escalleres» também o Almojarife não teve carga de recebimento, mas dois foram distribuídos.

Quanto às «enchadas», que totalizaram 2771, tem-se distribuídas aos «casais» 1925.

Os «Evangelhos de São João» eram «com molduras douradas» e foram recebidos oito, mas distribuídos quatro com quatro lavabos.

As «egoas» recebidas e distribuídas o foram em 49.

«Estrandartes», «com Armas Reaes bordadas», foi recebido e distribuído um único.

Também chegaram «eixos pa. carretas» em número de 48.

O «enxofre» recebido num caixão com quatro arrobas, foi distribuídos em arrobas e libras.

Os «enchós» somaram 1958. As «ervilhas» totalizaram três alqueires.

O «ferro servido» totalizou 127 arrobas. As «formas de fazer ballas» era, na realidade, uma. O «fio de vella» montou a 128 libras.

Para atender ao culto foram recebidos «ferros de fazer hostias» em número de dois.

As «fechaduras» eram divididas em «grandes» e «ordinárias», estas em número de 797 e aquelas eram seis.

Chegou, também, ao porto do Desterro, «fezes de ouro» montando oito libras.

«Fateuhas» chegam e são distribuídas cinco unidades, enquanto «feminellas» o são trinta e seis!

No item «Falcas (17) para reparos» tem-se 36 «com todas as ferragens».

Tem-se, também, «foices», totalizando 2.967 recebidas, que foram distribuídas e, neste tópico, nenhuma referência à distribuição para os «casais», que deveriam ter sido contemplados. Quanto às «facaz» recebidas 6.174 e, também, nenhuma indicação de entrega aos «casais». Já, os «facoens» recebidos em número de 3.234 foram, integralmente, distribuídos aos «casais».

Para a defesa dos «Presidio» da Ilha de Santa Catarina chegam «ferragens de reparos de artelharia», em vinte e cinco caixões.

Por outro lado, os «freyos» são, na realidade, um!

O «fio de algodão» recebido importa em cinco libras e as «favas» em 101 alqueires e um quarto, enquanto que a «farinha de trigo» recebida em barricas, pesando um total de 70 arrobas e 25 libras, o foi distribuída parceladamente, e, por seu lado, a «farinha de guerra», totalizando 54.130 alqueires, o foi distribuída aos «casais» num montante de 52.586 alqueires e meio e teve uma «quebra» de 1.543 alqueires, e, de outro, o «feijão» alcança 1.812 alqueires, totalmente distribuídos.

Novamente tem-se objeto de culto religiosos. Desta vez são «galhetas (18) de estanho», num total de sete pares, «com seos pratos».

Seguem-se «gabinardos» (19) em número de treze!

O «gallão de seda» que chega é «cor de ouro» e importara cem varas.

Das «garrafas» não há anotação de entrada e, na distribuição, tem-se, somente, duas!

Os «graons de bico» foram recebidos e distribuídos: dois alqueires.

«Gallinhas» são recebidas «para cazaes» e distribuídas em número de 78.

As «imagens» que o Almojarife anota são: um «crucifixo de latão», dois crucifixos «com cruces e pés de metal», dois crucifixos «mais pequenos», uma imagem de N. Sra. da Conceição, e uma do «Snr. Sam José».

Já, de «Jalde» são recebidas dez libras e distribuídas nove, anotando-se a «quebra» de uma.

Das «lanchas» não há anotação da quantidade recebida, mas foram distri-

buidas três, e os três «lobinhos» (20) recebidos o foram destinados. Do mesmo modo as vinte «lanadas» (21) recebidas o foram distribuídas.

Por outro lado as 83 pedras de «lageda de pedra» recebidas, medindo 61 varas e 7 meia polegadas, também foram distribuídas.

As «linhas» não têm anotação do recebimento e na distribuição aparece, somente, uma meada.

As «lonnas» recebidas o foram em quinze peças e mais vinte e oito varas e meia, distribuídas.

Quanto às «limas surtidas» tem-se o recebimento de 18 grosas, três dúzias e seis limas, totalmente distribuídas.

«Lanternas» ou «lanpioens» recebidos num caixão, contendo-os em número de doze, que são distribuídos.

Os «lançóis» são de «pano de linho» 48 e de «liage» 28, sendo aqueles distribuídos aos «casais».

Chegaram 16 «livros em branco» num caixão e foram distribuídos.

A «liage» (22) recebida totalizou 4.213 varas e um quarto. A «laa de varias cores» recebida em 118 maços com 57 libras.

Tem-se, também, o recebimento de «lentilhas» com dois alqueires, e, ainda, de «mó de amollar», uma!

Os «miçaes» recebidos e distribuídos o foram sete.

Anota-se, ainda, «moringues» num total de 170.

As «meas de laa» que alcançam o número de 363.

Os «martellos» somam 1.493, mas a contabilidade diz que faltam quatro.

Também a «manteiga» foi objeto de anotação. Recebida em três barris, pesando quatro arrobas e vinte libras.

Os «machados», destinados aos «casais» somaram 2.978, nos totais recebidos e distribuídos.

O «mel do tanque» foi recebido em dois barris.

Já, o «milho» recebido e distribuído totalizou 818 alqueires e 3/4.

As «marmeladas» recebidas em 49 caixetas, e o «oleo de liaça» recebido em ancoretas e barril, foi distribuído em onze arrobas e quatro e meia libras. Por sua vez, o «ocre» «escuro» o foi num total de uma arroba, enquanto que o «claro» em vinte e seis libras.

O «oleado» foi, somente, uma peça recebida pelo Almoxarife.

E, mais uma vez, aparecem objetos para a manutenção do culto católico. Desta vez são, genericamente, denominados «ornamentos», mas, na sua discriminação tem-se: um de damasco vermelho e branco, um de damasco roxo e verde, dois de damasco branco e vermelho, roxo e verde, «dois das 4 cores asima», «todos com os seus pertences, assim estollas, como manipulos, palas, veos, de calix, e frantaes de todas as cores, e de chita».

Outro tópico é de «pregos de galliota» «grandes», totalizando 22.817 pregos, seguindo-se «pregos de galiota» «pequenos» montando a 42.480. E, ainda, «pregos de parez» cujo número alcança 160.281. Ou, «pregos para fouces», dos quais não há anotação de recebimento, mas foram distribuídos 4.330.

Tem-se, por outro lado, «pedras de aras» (23) para os altares dos templos a serem construídos em número de sete.

Anota-se, ainda, «pregos caybrares» totalizando 33.596.

As «peças de artelharia» recebidas eram 81 «de ferro» de «varios qualibres» e 37 «de bronze».

As «pedernetas» (24) foram recebidas em três cunhetes.

Os «pregos caixarez» somaram 101.305.

Foram recebidas quatro «pipas vazias» «para agoada» e destinadas aos «casais».

As «palanquetas» (25) totalizaram 1123.

Os «pregos pau a pique» montaram a 100.492.

Os «pez de cabra» recebidos e distribuídos o foram em número de 118.

As «pranchadas de chumbo» foram trinta «grandes» e doze «pequenas».

A «polvera» recebida em 378 barris, foi distribuída equivalendo a 310 arrobas e quinze libras.

As «pedras de moer tintas» na verdade foram recebidas das singularmente: uma.

Os «purificadores» foram em número de 23.

Por sua vez as «paz de ferro» alcançaram o montante de 135.

O «pao de ouro» (26) foi recebido num total de dois milheiros e doze pares, mas, na distribuição foi anotado que dezesseis eram de prata.

As «peles de carneiro» também foram objeto de balanço: recebidas e distribuídas catorze!

Os «pratos da Bahia» recebidos foram 136, anotou-se «quebrados» quatro e distribuídos, portanto 132.

O «papel branco» recebido em resmas o foi num total de dez. E, as «ennaz» alcançaram dois molhos.

Os «portaes de pedra» foram, somente, dois.

As «palmetas» (27) alcançaram 58.

As «panelas» recebidas e distribuídas foram sete e «caldeirões», na verdade, era um só!

Já, os «pregos de cobre» atingem o número de duzentos..

O «pano escarlate» foi recebido numa peça com trinta e quatro varas. E o «pano encarnado» duas peças com 86 varas, enquanto que o «panno azul» foi recebido em três peças com 342 varas, o «panno branco» em vinte e duas peças com 859 varas e o «panno verde» três peças com 88 varas, e, finalmente, o «panno de linho» com 82 «pessas» totalizando 2.828 varas.

No item «peixe fresco» não há anotação do que entrou no Almojarifado, mas, em compensação, na hora da distribuição o Almojarife discriminava as tainhas dos demais peixes e, desta forma, pode-se até saber que foram distribuídas 185.011 tainhas e 24.156 outros peixes, totalizando 209.167.

No tópico «peixe salgado» há, novamente, distinção entre «groço», «tainhas» e «paratizes». Sob a rubrica «groço» são anotadas as arrobas adquiridas e nas rubricas «tainhas» e «paratizes» discriminados os números de cada uma dessas espécies. As tainhas foram em número de 303.543 e os «paratizes» 26.900.

Novamente o culto é contemplado. São «rellicarios», em número de seis, «de prata dourada», «com suas caixas de velludo, bordadas e guarnecidas sobre dourados, com trancelim de letras de ouro». Os «resplendores» são dois de prata.

O «retros» é recebido em seis oitavas.

O Almojarife recebe um «rebollo de amolar navalhas» e, também, um «rezisto de cisterna».

Os «reparos de Artelharia» são recebidos em número de vinte e seis de «varios qualibres». E as «rodas para reparos de Artelharia» são 92, sendo uma «forrada».

Chega, também, um relógio «de repetição».

Dos «remos» não se tem anotação de recebimento, mas montam a vinte na distribuição.

Para «roxo terra» também não há consignação de entrada e anota-se oito libras na distribuição.

As «serras» são discriminadas em «braçais» e «ordinarias», aquelas em número de quatro e estas totalizando 2.412.

O «sal» recebido em 437 e meio alqueires, foi distribuído apresentando uma «quebra» de oito alqueires e um quarto.

Os «sinnos» vieram em número de seis, pesando 46 arrobas e 31 libras.

Os «serviços vidrados» foram em número de 84, sendo 48 para os «casais» e um foi «quebrado».

Os «sanguinhos» (28) chegaram em número de vinte e oito.

A «sinopla» (29) recebida pesa treze libras.

«Seril branca» foi recebida em caixote e avulsa, pesando seis arrobas e vinte e cinco libras e meia.

A «sera em rolo» é discriminada em quatro libras e um rolo.

«Sombra da Colonia» é anotada com três libras e três quartos e as «sinzas» pesam sete libras e três quartos, «recompensadas có aguas tintas» em duas onças.

As «safiras» recebidas são quatro «de estanho» e duas «para cazaes».

Novamente reaparecem objetos de culto. Desta vez anotam-se «sacras», em número de quatro, «com molduras douradas».

Já, os «soquetes» recebidos são cinqüenta «de varios qualibres», para a artilharia.

Por outra parte são recebidas «soleiras», «para reparos», totalizando quarenta e oito.

A «solla» recebida foram duas «meyas», enquanto as «saetas» «cor de ouro» o foi uma peça.

Tem-se várias cores de «serafinas». (30) A «serafina branca» foi recebida em 106 peças, medindo 3.551 covados, havendo, a final, uma «quebra» de 38 covados, «recompensados com o acrescimo das serafinas amarellas e encarnadas com falta». Já as «serafinas amarellas» recebidas em trinta e uma peças, com 1.039 covados. Por sua vez as «serafinas verdes» o foram em doze peças com 390 covados. E, as «serafinas encarnadas» recebidas em duas peças com 65 covados.

Quanto aos «saccos» anotava-se que não havia «carga» e a sua distribuição constava de 212 «de liage».

O balanço apresenta, em seguida, vários itens referentes à madeira.

São «taboado de tapinhoam» com 366 tábuas, «taboado groço» com 60 «taboas de assoalho».

As «travadeiras» recebidas eram «ordinárias» em número de 2.401 e «mayores» uma única.

O item «toalhas» apresenta-se com peculiaridades. «De lavatorio» são dezoito, «do altar» também dezoito, e «da comunhão» doze.

Já, «tijellas da Bahia» totalizam 66, enquanto as «tellas» são 11.350.

A «carga» de Tijollos» monta a 8.500, dos quais 1.000 são «para casais».

As «taleiras de reparos» montam a noventa e três.

As «thizouras» anotadas são 6.312.

Também «vacas» entram na contabilidade e se subdividem em «vacas» em número de 341 e «rezes» ascendendo a 763.

O «vinagre» recebido em barris, foi distribuído em pipas, medidas e frascos. Totalizou quatro pipas e nove barris.

Os «velludos» recebidos em dois covados, eram «prettos».

O «vinho» foi recebido em quatro barris e a sua distribuição se fez em medidas, frascos e garrafas.

«Vermelhão» foi recebido em vinte libras, e na distribuição apresentou a «quebra» de uma libra e um quarto.

O «verdete» foi recebido e distribuído em quarenta e duas libras e o «verniz» em dezesseis libras.

Por sua vez os «viradouros, amarras e cabos de embé» totalizam 49 unidades, anotadas indiscriminadamente.

Os «vazos de estanho» são em número de quatro e, por fim, as «ventozas» o são vinte e quatro.

Após esta discriminação tem-se um «térmo de encerramento», datado de nove de junho de 1756, no Rio de Janeiro, lavrado pelo Escrivão André Francisco Xavier e estando presente o Escrivão do Almojarifado da Fazenda Real, Joaquim José da Silva Galvão.

Entretanto, a «conta tomada» do Almojarife da Fazenda Real do Presidio da Ilha de Santa Catarina, Antonio da Cruz Ferreira, teve Princípio a 04 de novembro de 1755, quando se apresentou no «Tribunal dos Contos», perante o Provedor da Fazenda Real, Doutor Francisco Cordovil de Siqueira e Mello.

Antonio da Cruz Ferreira disse, então, ter sido Almojarife do Presidio da Ilha de Santa Catarina «tres annos onze mezes e doze dias», apresentando, ainda, a Provisão de sua nomeação, bem como o «auto de posse e juramento» que fizera.

Procedeu-se, então, a leitura, item por item, do inventário da sua gestão, convenientemente relacionando-se os produtos entrados e saídos do Almojarifado do Presidio.

Na discriminação da despesa efetuada ficou patente a declaração de Antonio da Cruz Ferreira que havia gasto mais 31\$285rs. do que recebera e da entrega dos papéis da despesa efetuada foi lavrado, no dia seguinte, 05 de novembro, um termo, onde se declara que «sam novecentos e oytenta e oyto por todos a saber quinhentos e vinte de dinheyro e quatrocentos e sessenta e oyto de fardamentos materiais e monçoens de boca e guerra».

Apresentou, a 12 daquele mês de novembro o «rezumo» da receita, que o foi em «trinta e seis cargas vivas lançadas no dito Livro de folhas huma thé folhas vinte», e apresentando o «rezumo» da despesa, onde se verifica o quanto do acréscimo apresentado.

Tal tomada de conta nos induz à algumas considerações.

Em primeiro lugar, tendo em vista a incipiência da povoação de N. Sra.

do Desterro, recém elevada à capital da novel Capitania da Ilha de Santa Catarina, sob a égide do Brigadeiro José da Silva Paes, a quem Antonio da Cruz Ferreira serviu, denota-se a dependência do «Presídio», no tocante a todos os setores de abastecimento.

De outra parte, como se anotou no início desta nota, dois tópicos eram, então, vitais. A estruturação político-administrativa do «Presídio», com as atividades construtivas inerentes à fixação da sede de governo e da construção e aparelhamento do seu sistema de fortificações, e, paralelamente, os serviços de fixação dos «casais» açorianos.

Com este documento tem-se, também, possibilidade de avaliar a maneira como a Coroa Portuguesa, através dos seus prepostos no Brasil, deu cumprimento ao prometido no momento de alistar os «casais» em suas Ilhas para que viessem povoar o Brasil-Meridional.

Infelizmente não se tem valores unitários para uma melhor discriminação dos quantitativos empregados.

Mas, com a conjugação de dois ou mais documentos desta época pode-se alcançar novas medidas para a compreensão de tão magno estudo da estruturação da Capitania de Santa Catarina.

*Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Ciências Humanas  
Florianópolis, Brasil.*

## BIBLIOGRAFIA

1. PRESÍDIO: Guarnição (GARCIA, Hamilcar & NASCENTES, Antenor. **Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa Caldas Aulete**, 3ª. ed., 1974, v. 4 p. 2932.
2. ANTONIO-DA CRUZ FERREIRA nomeado por Gomes Freire de Andrada, Governador e Capitão General que foi do Rio de Janeiro, a 7.12.1748, para Almojarife da Fazenda Real da Ilha de Santa Catarina, tomando posse e fazendo juramento de bem servir a 11.12.1748. Tal nomeação o foi por seis meses. Exerceu o cargo até 31.12.1752, «que deichey de servir e se deu posse ao meu sucessor, Domingos Gomes Dias».
3. LIVRO DA CONTA TOMADA. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa. Erário Régio. Contadoria do Presídio (da Ilha de Santa Catarina (1749-1752). N° da Contadoria 823. «Receita e despesa do Almojarife (1749-1752)». N° da Contadoria 824. (Pesquisa efetuada com bolsa de manutenção da CAPES e auxílio para microfilmagem do CNPq). (1979).
4. Nenhum autor que tratou deste capítulo do povoamento de Santa Catarina focalizou, o quanto fora gasto, pela Coroa Portuguesa, com aquele fluxo emigratório. É esta a primeira vez que tal acontece!
5. ALVA — vestidura comprida de pano branco que os padres usam na missa e em outras cerimônias. (AULETE, Caldas. **Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa**. Lisboa, Edit. Delta, 3ª. ed., 1974, v. 1, p. 182).
6. ALVAIADE — carbonato natural de chumbo, utilizado em pintura. (AULETE, cit., v. I, p. 182).
7. ALVIÃO — instrumento de ferro, com o cabo de pau, o qual de um lado tem o feito de enxada e, na parte oposta, uma ponta da feição de picareta (SILVA, Antonio de Moraes. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 10ª. ed., 1949, v. I, p. 705).
8. BETA — cordoalha não grossa que, nos navios, não tem nome particular (SILVA, cit. p. 472).
9. BANDOLEIRA — correia que os soldados traziam a tiracolo, servindo para segurar alguma arma ou utensílio (AULETE, cit. v. I, p. 443).
10. BOTICA — caixa com os medicamentos mais usuais para viagens (SILVA, cit. p. 585).
11. BISPOTE — vaso de noite para urinar (SILVA, cit. p. 513).

12. BATISTÉRIO — pia batismal (AULETE, cit. v. I, p. 466).
13. BIMBARRA — tranca de madeira, espécie de alavanca grande para por em movimento alguma coisa, como as peças de artilharia, metendo-lhes uma extremidade pela boca. (SILVA, cit. p. 499).
14. CUCHARRA — colherão com que se carrega de pólvora a peça de artilharia (GARCIA, Hamilcar & NASCENTES, Antenor. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa Caldas Aulete**, 3<sup>a</sup>. ed., v. I, 1974, p. 912).
15. CAVILHA — pedaço de madeira ou de metal curto e arredondado, que serve para tapar um orifício ou para unir dois madeiros ou duas chapas. (GARCIA & NASCENTES, cit. p. 665).
16. CHAPUZ — peça de madeira em que assenta à culatra da artilharia. (SILVA, cit. v. 3, p. 35).
17. FALCAS — cada um dos dois tabões de reparo de uma peça de artilharia que se acham unidos paralelamente pelas taleiras. (AULETE, F. J. Caldas. **Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa**. 2<sup>a</sup>. ed., 1925. p. 1018).
18. GALHETA — pequeno vaso onde estão o vinho e água para os servidos da missa. (AULETE, cit., v. III, p. 1704).
19. GABINARDO — capote comprido de mangas (GARCIA & NASCENTES, cit., v. V, p. 389).
20. LOMBILHO — apeiro que faz parte dos arreios e que substitui a sela, o selim ou o serigote. (AULETE, cit. v. III, p. 2177).
21. LANADA — instrumento que servia para limpar o interior das peças de artilharia. (AULETE, cit., v. III, p. 2094).
22. «LIAGE» ou ANIAGEM
23. PEDRA DE ARA — pedra sagrada no centro do altar (FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, ed. Nova Fronteira, 1<sup>a</sup>. ed., p. 1055).
24. PEDERNEIRAS — pedra que se fere com o fuzil para produzir fogo. (AULETE, cit. v. IV, p. 2734).
25. PALANQUETA — barra de ferro, terminada por duas balas fixas, que era lançada por peças de artilharia e empregada especialmente em combates navais (FERREIRA, cit., p. 1019).
26. PÃO DE OURO — ouro em folhas com que se doura. (AULETE, cit., v. IV, p. 2665).
27. PALMETA — cunha para fazer levantar ou abaixar a culatra da peça de artilharia (FERREIRA, cit. p. 1022).
28. SANGUINHO — pano com que o sacerdote limpa o cálice depois de comungar (AULETE, cit., v. V, p. 3281).
29. SINOPLA — certa espécie de mineral de ouro (AULETE, cit., v. V, p. 3382).
30. SERAFINA — certa qualidade de lã delgada que serve para forros. (AULETE cit., v. V, p. 3341).

**P**REZUMO

on a Cabeça de toda a Receyta & Despesa  
za que teve Antonio da Cruz Ferraz  
Almoxariffe que foy da Fazenda Real  
deste Prezidio em todo o tempo de seu Al-  
moxariffado que teve principio em

19. de Janeiro de 1749.

& findou

a 5. de Dezembro de

1752.

**I L H A**  
**DE**  
**S.<sup>TA</sup> CATHARINA**